

O EFEITO DO ESTILO NA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS**THE EFFECT OF STYLE ON THE PALATALIZATION OF DENTAL PLOSIVES**André Wesley Dantas de Amorim⁶⁸Ingrid Cruz do Nascimento⁶⁹Pedro Felipe de Lima Henrique⁷⁰Dermeval da Hora Oliveira⁷¹

RESUMO: Com base na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 1972, 2001; ECKERT, 2000, 2001), esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a influência do estilo na palatalização das oclusivas dentais /t, d/ (a exemplo de dest[ʃ]ino e desd[z]e) no dialeto do Português Brasileiro (PB) falado na comunidade de fala de João Pessoa - Paraíba. Foram analisadas gravações de 5 informantes que participaram do estudo de recontato do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 1993), coletadas a partir dos instrumentos entrevista, leitura e inquérito fonético. Os resultados mostram que houve um aumento no uso da forma palatalizada de acordo com o grau de formalidade do instrumento de coleta (χ^2 (2, n = 1053) = 18,68, p < 0,001): inquérito fonético (16,9%, n = 89), leitura (7%, n = 143) e entrevista (5,1%, n = 821).

PALAVRAS-CHAVE: Palatalização das oclusivas dentais. Sociolinguística Variacionista. Estilo.

ABSTRACT: Within the framework of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1966, 1972, 2001), this research aims at analyzing the influence of style in the palatalization of dental plosives /t, d/ (for example, dest[ʃ]ino 'destiny' and desd[z]e 'since'), in the Brazilian Portuguese dialect spoken in the speech community of João Pessoa - Paraíba. Data from 5 individuals from the corpus of the Project Linguistic Variation in the State of Paraíba – VALPB (HORA, 1993) were collected by means of these three instruments: sociolinguistic interview, reading passage and phonetic inquiry. Results show that the use of palatalization increases according to the degree of formality of the data collection instrument (χ^2 (2, n = 1053) = 18.68, p < 0.001): phonetic inquiry (16.9%, n = 89), reading passage (7%, n = 143) and sociolinguistic interview (5.1%, n = 821).

KEYWORDS: Palatalization of dental plosives. Variationist Sociolinguistics. Style.

1 Considerações iniciais

Os estudos em Sociolinguística Variacionista têm cada vez mais considerado o estilo como variável fundamental para entender o comportamento de determinadas variantes linguísticas em comunidades de fala e de prática. Independentemente da concepção adotada – se da atenção prestada à fala (LABOV, 1972) ou do conjunto de características que compõem a identidade de indivíduos e grupos (ECKERT, 2000) –, essa categoria sempre esteve em primeiro plano no que se refere à investigação sobre o processo de mudança nas línguas. Apesar disso, novas concepções de estilo vêm trazendo a possibilidade de novas leituras sobre essa categoria e sua relação com o problema do encaixamento problematizado por Labov (1968).

⁶⁸ Mestrando em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING-UFPB. Graduado em Letras (Inglês) pela mesma instituição. Bolsista de Mestrado pela CAPES E-mail: amorim_awd@hotmail.com

⁶⁹ Mestranda em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING-UFPB. Professora substituta do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Pau dos Ferros. E-mail: ingridcruznascimento@gmail.com

⁷⁰ Doutorando em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING-UFPB. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Santa Cruz. E-mail: pedrofelipelh@hotmail.com

⁷¹ Professor visitante na Universidade Federal do Pará – UFPA. Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: dermeval.dahora@gmail.com

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica à medida que propõe fazer uma associação entre as duas perspectivas mencionadas para explicar o estilo de um mesmo fenômeno linguístico variável. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar as realizações das oclusivas dentais /t, d/ no dialeto do Português Brasileiro (PB) falado em João Pessoa – Paraíba, considerando o estilo como variável. Para isso, o *corpus* do recontato do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB, coletado entre 2015 e 2016, foi analisado de forma quantitativa e qualitativa.

A partir das macrocategorias elencadas, as hipóteses iniciais são de que 1) no estilo menos monitorado, quanto mais escolarizado for o falante, mais frequente é a produção de variantes palatais; 2) os jovens inovam o comportamento linguístico da comunidade de fala pessoense, apresentando maior palatalização; 3) o falante que saiu de João Pessoa palataliza mais que os falantes que não saíram.

A amostra é composta por gravações da fala de 7 informantes, obtidas por meio de três instrumentos de coleta: entrevista semiestruturada, leitura monitorada e inquérito fonético. Apenas 5 delas foram selecionadas para este estudo e a principal hipótese é de que o inquérito fonético é o instrumento que mais apresenta ocorrência de palatalização das oclusivas dentais, tendo em vista que ele é o que mais influencia a atenção voltada à fala, seguido da leitura e da entrevista.

O estudo apresentado dispõe de seis seções. A primeira expõe uma síntese do estilo e da variação linguísticos sob a perspectiva de Labov (1966) e de Eckert (2000; 2005). Na segunda seção, o processo da palatalização das oclusivas dentais é descrito e discutido. A terceira, por sua vez, apresenta a metodologia utilizada. Em seguida, têm-se os resultados e a discussão dos dados obtidos e, por fim, uma síntese deste estudo.

2 O estilo dentro dos estudos sociolinguísticos

Os trabalhos até então realizados no Brasil sob a perspectiva variacionista, seguindo Weinreich, Labov, Herzog (1968); Labov (1966, 1972), tiveram seu foco principal em dois conjuntos de restrições: de um lado, as sociais; de outro, as linguísticas. Até então, as restrições estilísticas foram pouco consideradas.

Avaliar a variação associada ao estilo implica avaliar a identidade do falante. Consequentemente, esse tipo de estudo contribui para que também se avalie o significado social da variação. Nesta seção, serão discutidas as concepções de Labov (1966) e de Eckert (2000; 2005) sobre estilo e variação.

2.1 Atenção prestada à fala: visão laboviana

Labov (1966), o grande responsável pelas pesquisas variacionistas de cunho quantitativo, em seu trabalho sobre o falar de New York City, estabeleceu as primeiras bases teóricas e metodológicas para o estudo do estilo na variação. Ao selecionar a comunidade de New York como foco de seu estudo, e utilizando uma amostragem aleatória e representativa, Labov (1966) percebeu a necessidade de formalizar um instrumento que permitisse a comparação entre os seus resultados. Valendo-se da entrevista como meio formal e estruturado, já de início ele percebe um possível paradoxo. Se o foco é a língua espontânea do falante para análise, como obtê-la se o instrumento de coleta é formal?

Fundamental para Labov (1966, 1972) é a noção do vernacular do falante, ou seja, a fala mais natural, aquela que surge quando o falante não a monitora. Pensando nisso é que, na própria entrevista, ele estabelece níveis de formalidade ou informalidade na obtenção dos dados, que permitem avaliar possíveis indícios de mudança na língua quando o estilo é

alterado. Assim, ele esboça a entrevista sociolinguística de forma que possa obter do falante, tanto quanto possível, uma fala que vá da mais casual à mais formal.

Para Labov, a atenção prestada à fala está no centro da proposta para a compreensão do estilo. A fala casual é facilmente detectada em situações em que o falante não a esteja monitorando, como nas ruas, nos bares, etc. O mesmo não acontece em uma situação de entrevista formal, que define um contexto de fala, onde, em geral, apenas um estilo ocorre, o estilo denominado de fala cuidada. Então, a metodologia utilizada para amenizar o grau de formalidade que, por si só, caracteriza a entrevista é decisiva.

Labov (2001) divide os graus de formalidade entre fala e leitura. Na leitura, o autor aponta três níveis mais formais: leitura de um trecho, lista de palavras e pares mínimos. Na fala, segundo o autor, existem dois níveis de formalidade: o monitorado, ou seja, cuidado, e o não monitorado, também chamado de casual. Para obter uma fala menos monitorada e mais casual, ele estabelece situações contextuais em que o falante possa estar menos atento a sua própria fala. Para isso, vale controlar aspectos como: fala com uma terceira pessoa, fala não relacionada às questões estabelecidas, questões voltadas para hábitos da infância e o mais conhecido “perigo de morte”. Nesses dois últimos casos, como se pode observar, o fundamental é o tópico; ao manipulá-lo, ele parte da hipótese de que alguns tópicos podem desviar a atenção do falante em relação à fala. A figura 1 apresenta a hierarquia de formalidade foi apresentada por Labov (2001).

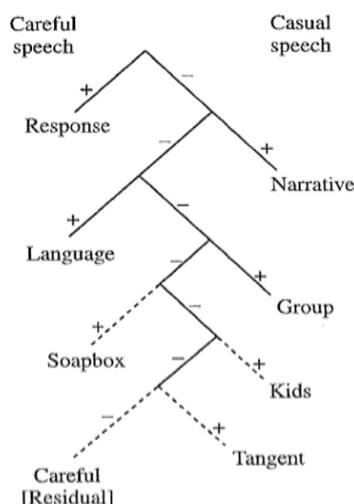


Figura 1 - *The Decision Tree* para análise estilística na fala espontânea em uma entrevista sociolinguística (LABOV, 2001, p. 69)

Segundo Eckert e Rickford (2001, p. 3), o estudo de Labov (1966) estabelece uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade – entre o linguístico, o cognitivo e o social. Ele demonstrou que o uso das variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente, e que a variedade estilística de cada falante cobre um contínuo do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois pólos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, a atividade estilística do falante estava diretamente ligada a sua posição na hierarquia socioeconômica e nas estratégias utilizadas, tendo em vista que a atenção prestada à fala é o mecanismo cognitivo que liga o aspecto social aos fatores linguísticos.

O estudo sobre a variação estilística em New York City (1966) é considerado um dos mais importantes construtos na área. Apesar de sua importância, o estilo deixou de ser o foco das pesquisas quantitativas na década seguinte, e isto, segundo Ricford e Eckert (2001, p. 3) se deve, parcialmente, (a) ao questionamento sobre a atenção prestada à fala como foco da pesquisa; (b) à dificuldade operacional de separar a fala casual da fala cuidada a partir das situações contextuais; e (c) ao fato de os pesquisadores se voltarem mais para as restrições linguísticas e sociais ligadas à variação.

A partir de Labov, outras propostas surgiram. Uma delas, e que será também utilizada neste trabalho, é a defendida por Eckert (2000).

2.2 Penelope Eckert: as três “ondas” que envolvem os estudos variacionistas

Conforme mencionado anteriormente, os estudos linguísticos com ênfase em processos variáveis, sob a influência de fatores sociais, foram impulsionados com as pesquisas desenvolvidas por Labov a partir da década de 1960. É importante mencionar que o falante foi colocado em um lugar de protagonismo, sendo a sua fala foco de uma análise mais sistemática, de base quantitativa.

Eckert (2000) afirma que esses estudos constituem a “primeira onda” da Sociolinguística. Eles usam o modelo quantitativo para examinar a relação entre variabilidade linguística e restrições sociais, a exemplo de sexo, idade, classe social, etnia, etc. O foco nesses estudos está em capturar o vernáculo, procurando encontrar os padrões na fala não consciente e também a fonte da mudança linguística regular.

Em síntese, a primeira onda assim se caracteriza: a) estudo de comunidades geograficamente definidas; b) hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; c) variáveis como marcadores de categorias sociais primárias, conduzindo traços de prestígio/estigma; d) estilo como atenção prestada à fala, e controlado por orientação relativa ao prestígio/estigma. Os dados coletados na Paraíba em 1993 (VALPB), por exemplo, se enquadram nessa perspectiva.

Outro momento que norteia os estudos sociolinguísticos diz respeito ao que se chama de “segunda onda” (Eckert, 2000), caracterizado pelos estudos etnográficos. Estes têm como foco comunidades menores e objetivam identificar categorias sociais que são salientes na comunidade. Os estudos etnográficos mostraram como as formas de falar estão carregadas com o significado local.

A segunda onda, de acordo com Eckert (2005), estabelece uma conexão com a primeira onda e a dinâmica local, e assim se caracteriza: a) estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente; b) categorias locais como *links* para as demográficas; c) variáveis como categorias de indexação localmente definidas; d) estilo como atos de afiliação.

A “terceira onda”, por sua vez, focaliza o significado social das variáveis. Ela vê o estilo, mais do que as variáveis, como associado diretamente às categorias identitárias, e explora as contribuições das variáveis para os estilos. Assim, ela parte da abordagem baseada no falar das duas primeiras ondas, e vê as variáveis como localizadas em comunidades de práticas. Uma comunidade de prática, segundo Eckert (2005, p. 16), é um agregado de pessoas que, reunidas de forma regular, se engajam em alguma iniciativa (uma família, uma classe linguística, um time esportivo, etc). Ao longo do engajamento, a comunidade de prática desenvolve práticas que envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor – uma definição tácita delas mesmas em relação ao outro, e em relação a outras comunidades de práticas.

Para a autora, o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado por meio de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo (enquanto falante ou ouvinte)

constrói uma identidade – um sentido de lugar no mundo social – equilibrando a participação em diferentes comunidades de práticas, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades. E a chave para este processo inteiro de construção é a prática estilística.

Até agora, nos estudos de variação, o estilo tem sido tratado como ajustamentos situacionais do falante no uso de variáveis individuais. O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintivas de falar. Estas formas de falar são uma chave para a produção das *personae*, e as *personae*, por sua vez, são tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social. A quantidade de participantes desta pesquisa se justifica, portanto, a partir desse pressuposto, uma vez que é possível fazer uma análise qualitativa mais aprofundada de cada um deles e relacionar aos resultados quantitativos obtidos (ver seções 3 e 4).

Assim, quando analisa-se a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não são identificadas variáveis individuais. O significado da variação está em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social.

A “terceira onda”, então, leva o estudo da variação para uma nova direção. Mais do que definir a variação em termos dos falantes que usam as variáveis, ela busca os significados que motivam desempenhos particulares. Resumidamente, ela pode ser assim caracterizada: a) estudos etnográficos das práticas das comunidades; b) categorias locais resultantes da construção de estâncias comuns; c) indexação de variáveis a estâncias, atividades, características; d) estilo como construção da *persona*.

Segundo Eckert e Ricford (2001, p. 5), as diferentes visões sobre estilo não são contraditórias ou mutuamente exclusivas. Considerá-las nos estudos variacionistas leva-nos a pensar que a língua deixa apenas de refletir o social, para, enfim, criá-lo. É exatamente sobre isso que este trabalho se debruça: compreender, a partir das duas perspectivas de estilo apresentadas, quais as motivações sociais do uso variável das oclusivas dentais /t, d/ no dialeto pessoense.

3 As restrições sociais e a palatalização das oclusivas dentais no Português Brasileiro

A palatalização das oclusivas dentais em contextos de assimilação regressiva, processo a partir do qual /t/ e /d/ realizam-se como [tʃ] e [dʒ] antes de [i] (como em “[tʃ]ia” e “[dʒ]ia”) tem sido investigada em diversas cidades pelo Brasil. Apesar de haver uma tendência geral em relação à ocorrência do fenômeno, seu emprego não acontece na mesma frequência nas diferentes cidades brasileiras. Para compreender o que motiva a aplicação dessa regra variável, pesquisadores elencaram diversas variáveis para investigar quais grupos de fatores condicionam o emprego do fenômeno.

No Português Brasileiro, a taxa de produção do referido processo varia significativamente, a depender da comunidade de fala e do estudo. Por exemplo, em termos percentuais, estudos sociolinguísticos revelam comunidades onde seus membros usam a forma africada em torno de 94%, como em Porto Alegre (KAMIANECY, 2002), 26% no Chuí (DUTRA, 2007), 52% em Flores da Cunha (BATTISTI & FILHO, 2015) e 7,4% (HORA, 1995), 7,5% (ANDRADE, 2008) e 10,48% (HENRIQUE & HORA, 2012), em João Pessoa, comunidade de fala sob análise no presente estudo.

Partindo para a discussão quanto ao que condiciona a taxa de produção de determinado fenômeno, um dos pressupostos básicos da sociolinguística laboviana (LABOV, 1994) é que a variação não é livre, ou seja, as taxas de produção acima são influenciadas por fatores sociais e linguísticos. Quanto aos fatores sociais, Fernández (1998) afirma que

geralmente as variáveis que mais condicionam a variação linguística são *sexo, idade, escolaridade, nível sociocultural e etnia*.

No entanto, a respeito do emprego da regra variável da palatalização das oclusivas dentais em comunidades de fala brasileiras, os estudos geralmente revelam que são mais relevantes as variáveis sociais *Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Local de Residência*. Geralmente o fator escolaridade tende a ser mais significativo e, portanto, é escolhido em detrimento de etnia e do nível sociocultural.

A variável *Sexo* foi relevante em diversos estudos sobre a regra aqui discutida (HORA, 1990; HORA, 1995; ALMEIDA, 2000, apud DUTRA, 2007; KAMIANECY, 2002; PIRES, 2007; BATTISTI et al, 2007; ANDRADE, 2008; MATTÉ, 2009; HENRIQUE & HORA, 2012; SOUZA, 2016). Para Labov (2001), as variantes de prestígio tendem a ser mais utilizadas por mulheres. Nesse sentido, com exceção da segunda, todas essas pesquisas mostraram que a variante *sexo feminino* conduz o processo de palatalização das oclusivas dentais nas comunidades estudadas.

É importante novamente destacar que os estudos de Hora (1995), Andrade (2008) e Henrique & Hora (2012) foram realizados em João Pessoa. Apesar de, nesses dois últimos, a variante *mulher* ter condicionado o fenômeno, no primeiro, essa variante inibiu a palatalização. Hora (1995) argumentou que, no geral, como as mulheres empregam a variante padrão mais do que os homens, a comunidade está “diante de um processo com indícios de mudança, já que a forma favorecida é a não padrão” (p. 4).

A variável *Faixa Etária*, em estudos na perspectiva de tempo aparente, pode indicar se o comportamento de determinada regra variável se encontra em processo de variação estável ou de mudança em progresso (LABOV, 2001). Considerando a palatalização das oclusivas dentais no PB, esse fenômeno foi considerado estatisticamente significativo em várias pesquisas (HORA, 1990; HORA, 1995; ALMEIDA, 2000, apud DUTRA, 2007; KAMIANECY, 2002; ZAMBONI, 2006; BATTISTI et al., 2007; ANDRADE, 2008; HENRIQUE & HORA, 2012; BATTISTI & FILHO, 2015). No entanto, a configuração dessa variável é bastante diferente em cada estudo, dificultando determinadas comparações. Nas pesquisas de Almeida (2000, apud DUTRA, 2007), Pires (2003), Kamianecy (2002) e Hora (1995), por exemplo, a *Faixa Etária* é analisada de forma binária, ou seja, como maior ou menor de 50 anos. Nesses estudos, com exceção do último, os falantes da faixa etária menor de 50 anos palatalizaram mais do que os outros. Com uma configuração diferente, em Hora (1990), as variantes de *Faixa Etária* foram de 15-25, 26-36, 37-47 e acima de 58 anos. Em sua pesquisa, os falantes da faixa etária 37-47 empregaram mais a forma palatalizada do que os outros.

A respeito da variável *Escolaridade*, vários estudos mostraram uma correlação significativa com a aplicação da regra em pauta. Hora (1995) e Pires (2007) observaram que os falantes mais escolarizados aplicaram mais a regra. No sentido contrário, nos estudos em João Pessoa, os informantes da faixa de escolarização baixa (HORA, 1991) e da média (ANDRADE, 2008; HENRIQUE & HORA, 2012) condicionaram mais o emprego do fenômeno em questão. Sobre isso, Hora (1991, p. 5) afirma que “nem sempre a forma que é considerada padrão seja a forma de prestígio para uma comunidade específica”.

Tendo por base o levantamento feito acima, alguns apontamentos em relação ao encaixamento da variante palatalizada considerando as restrições sociais na comunidade de fala pessoense podem ser feitos, principalmente a partir da noção laboviana de estilo. Nota-se, em primeiro lugar, que a variante está mais presente na fala das mulheres e de pessoas mais velhas. Entretanto, ela também é utilizada por pessoas de escolaridade mais baixa, o que parece ir na contramão do que se esperava. Esses resultados espelham um problema de considerar prestígio e, conseqüentemente, de se fazer inferências sobre estilo a partir dessas categorias. A análise proposta na seção 4, portanto, considerará as taxas de palatalização sob

um viés qualitativo, além de quantitativo, considerando os informantes e os instrumentos de coleta. Espera-se, com isso, estabelecer uma relação entre as propostas de Labov (1966) e Eckert (2001) sobre estilo para tentar lançar luz, mesmo que de forma ainda discreta, sobre essa categoria tão importante para o entendimento acerca do comportamento e do prestígio das variantes em comunidades de fala e de prática.

4 Aspectos metodológicos

De natureza quantitativa e qualitativa, a metodologia deste trabalho será apresentada em quatro partes. Inicialmente, são apresentadas informações sobre a amostra. Em seguida, uma breve biografia sobre os informantes é desenvolvida, tendo em vista que, por se tratar de um estudo de recontato com poucos participantes, as informações qualitativas podem ser utilizadas para auxiliar a análise dos dados quantitativos. No terceiro tópico são expostos os instrumentos de coleta e, por fim, a descrição dos métodos de análise estatística utilizados.

4.1 Participantes

As gravações utilizadas nesta pesquisa são de 5 dos 7 participantes do *corpus* do recontato do VALPB, coletadas em 2015. Apesar dessa limitação, uma análise mais aprofundada e qualitativa, relacionando a trajetória de vida de cada participante (como mudança de emprego, de moradia, etc.) à sua fala, pode elucidar questões pertinentes ao uso da palatalização. O quadro a seguir apresenta a estratificação dos informantes que participaram deste estudo:

Quadro 1 – Estratificação dos informantes utilizados neste estudo			
Informante	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade
HBS	M	26-49	Superior
VLF	M	26-49	Superior
MLTS	F	26-49	Fundamental Incompleto
MJS	F	49+	Analfabeta
MJCO	F	49+	Fundamental Incompleto

Conforme o quadro exposto, foi coletada a fala de dois informantes do sexo masculino e três do sexo feminino. Três têm faixa etária de 26-49 e dois acima de 49. Como o recontato ocorreu após aproximadamente 23 anos da primeira amostra do VALPB, não há informantes com a faixa etária abaixo de 26 anos. No presente *corpus*, dois informantes têm nível de escolaridade superior, enquanto uma é analfabeta, e os demais têm apenas o ensino fundamental. Por razões evidentes, não foi possível coletar os dados de leitura da informante não escolarizada.

A seguir encontra-se uma sucinta biografia dos 5 participantes selecionados para este estudo. As informações versam sobre aspectos educacionais, laborais e de moradia de cada um durante os dois momentos de coleta (1993 e 2015) e elucidam os dados quantitativos obtidos.

- a. **Informante HBS** - Homem, 38 anos, nascido em João Pessoa e tem pais pessoenses. Durante a primeira gravação, tinha 15 anos, morava em um bairro classe média baixa, cursava o ensino médio e não trabalhava. Já na segunda gravação, o informante havia

se mudado para um bairro de classe média alta, concluído o ensino superior e trabalhava como professor de uma cidade próxima da capital.

- **Informante VLF** - Homem, 41 anos, nascido em João Pessoa e tem pais pessoenses. Durante a primeira gravação, tinha 15 anos, já havia morado em alguns bairros da cidade, cursava o ensino médio na antiga Escola Técnica (atual IFPB) e teatro, o que lhe possibilitava o contato com muitas pessoas de outros estados. Na segunda gravação, o informante havia concluído o ensino médio, viajado por alguns estados do país e trabalhava com produção de eventos.
- **Informante MLTS** - Mulher, 47 anos, nascida em João Pessoa e com pais pessoenses. Durante a primeira gravação, a informante tinha 25 anos, não havia terminado o ensino fundamental, trabalhava como camelô, morava em um bairro de classe baixa e viajava com frequência para Recife – PE. Na segunda gravação, ela havia terminado o ensino fundamental, mudado para outro bairro de classe baixa e trabalhava como garçoneiro em um bairro nobre da cidade.
- **Informante MJCO** - Mulher, 64 anos, nascida em João Pessoa e com pais pessoenses. Durante a primeira gravação, a colaboradora tinha 42 anos, trabalhava como doméstica e tinha estudado até o 4º ano. Embora nunca houvesse mudado de bairro ou saído da cidade, mantinha contato frequente com alguns de seus parentes que moravam na região Sudeste. A situação de educação, trabalho e moradia da informante permaneceu a mesma na segunda gravação.
- **Informante MJS** - Mulher, 77 anos, nascida em João Pessoa, tem pais nascidos no interior do estado. Durante a primeira gravação, tinha 55 anos, morava em um bairro de periferia da cidade, não era escolarizada, trabalhava como auxiliar de serviços gerais e nunca tinha saído do estado, porém algumas pessoas de sua família haviam se mudado para a região Sudeste do país. Já na segunda gravação, a informante se aposentara e a sua situação educacional e de moradia permaneceu a mesma.

4.2 Instrumentos de coleta

A respeito dos instrumentos de coleta, foram utilizados 3, na seguinte sequência: entrevista semiestruturada, inquérito fonético e leitura. A entrevista, com base na metodologia utilizada em 1993, teve como objetivo obter dados de fala mais espontânea. Com duração total entre 35 a 55 minutos, foi organizada a partir dos seguintes tópicos: (a) bairro; (b) infância; (c) família; (d) lazer; e (e) cidade de João Pessoa. Os tópicos visam obter informações do informante sobre a escolaridade, a rede social de que fez/faz parte, as características socioeconômicas, o enraizamento e o grau de mobilidade no(s) bairro(s) onde vive/viveu.

O inquérito fonético se caracterizou pela apresentação de 90 figuras, cujas palavras remetiam a três variáveis distintas: fricativa coronal em coda medial, oclusivas dentais e vogais médias pretônicas. As figuras referentes a outras variáveis serviram de distratores para o informante, para que não se percebesse de que fenômeno se tratava a tarefa solicitada. A tarefa do informante, portanto, consistia em dizer como se chamava o que estava sendo indicado pelo pesquisador, que apresentou as figuras em um *notebook* com slides do *Powerpoint*.

Já a leitura monitorada foi realizada a partir de um texto de aproximadamente uma lauda, que contemplou as mesmas palavras controladas no inquérito fonético, incluindo as

distratoras, e teve como objetivo obter dados de fala monitorada. Para tal tarefa, o informante recebeu o texto impresso em uma folha de papel.

As gravações foram feitas em um único encontro com cada informante, havendo um breve intervalo entre cada uma delas, sendo todas realizadas usando o gravador Tascam DR-2d. Todas as gravações foram conduzidas em João Pessoa, na casa dos informantes, exceto a do informante FPMF, que, devido a sua disponibilidade, ocorreu na sala do VALPB, na Universidade Federal da Paraíba.

4.3 Análise dos dados

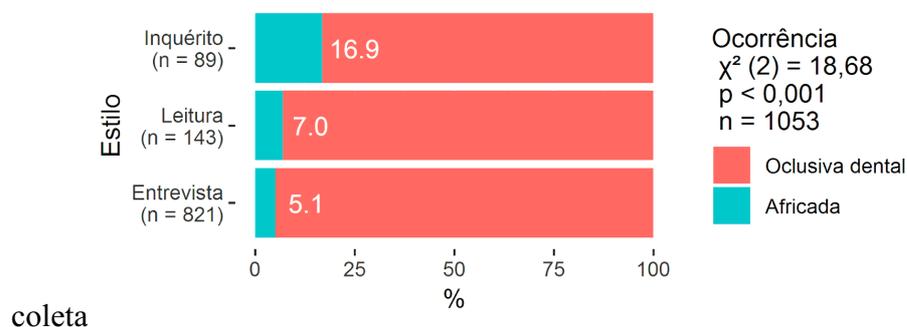
Os dados das gravações foram analisados e transcritos de maneira impressionista no ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2019), e exportados para uma planilha “.csv”. Em seguida, o tratamento dos dados, as análises descritiva e inferencial e a elaboração dos gráficos foram conduzidos utilizando a linguagem R (R CORE TEAM, 2019), por meio do ambiente RStudio (RSTUDIO TEAM, 2018).

5 Resultados e discussão

Esta seção apresenta os resultados analisados à luz da perspectiva da variação e do estilo elucidadas por Labov (1966) e Eckert (2000; 2005).

O gráfico 1 expõe a porcentagem de palatalização de acordo com o instrumento de coleta.

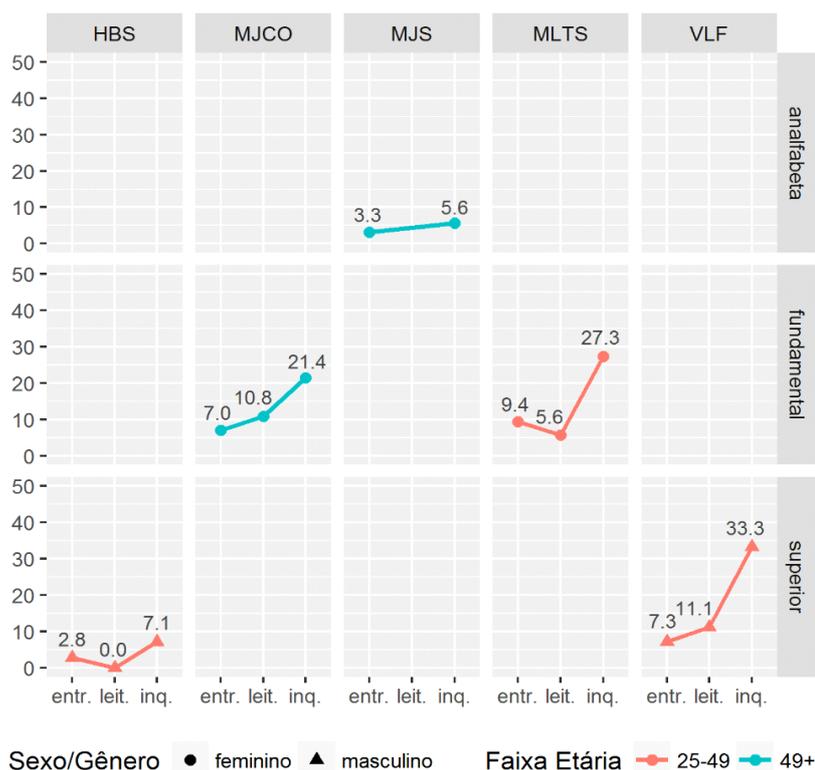
Gráfico 1 – Porcentagem de Palatalização por Instrumento de



Fonte: elaborado pelos autores

Percebe-se, a partir das taxas de ocorrência apresentadas pelo gráfico, que a regra de palatalização foi mais aplicada dentro do inquérito fonético em comparação com a leitura e a entrevista, apesar da variante dental ser expressivamente predominante considerando todos os instrumentos. O teste de qui-quadrado aponta que há uma significativa associação entre o uso da palatalização e o instrumento de coleta, sugerindo que o estilo influencia de maneira expressiva a ocorrência da palatalização. Considerando o estilo relacionado ao monitoramento da fala, como aponta Labov (1966), esse resultado pode indicar que a variável é sensível aos contextos de aplicação em que a atenção voltada à fala é maior. Contrastando os resultados com as taxas de ocorrência observadas em dados de produção nessa mesma comunidade, que variavam de 7,4% a 10,48% (HORA, 1995; ANDRADE, 2008; HENRIQUE & HORA, 2012), observa-se que estes valores aproximam-se dos expressos no gráfico 1, ratificando a baixa taxa de produtividade da variante palatalizada no dialeto pessoense.

Gráfico 2 – Palatalização por Informante, Escolaridade, Faixa Etária, Sexo e Instrumento de coleta



Fonte: elaborado pelos autores

O gráfico 2 expõe a taxa de palatalização a partir de um cruzamento entre variáveis, dentre elas “informante”, “escolaridade”, “faixa etária”, “sexo” e “instrumento de coleta”. A partir das macrocategorias elencadas, têm-se como hipóteses iniciais 1) quanto menos monitorado for o estilo, menor será a taxa de palatalização; 2) quanto mais escolarizado for o falante, maior será a produção de variantes palatais; 3) os jovens inovarão o comportamento linguístico da comunidade de fala pessoense, apresentando maior palatalização; 4) ante as fricativas palatalizadas, ocorrerá maior palatalização das oclusivas dentais (como em “po[ʃtʃe]”) e 5) o falante que saiu de João Pessoa palataliza mais que os falantes que não saíram.

Das hipóteses mencionadas acima, as três primeiras estão relacionadas às macrocategorias. Das três, apenas uma se confirma: a do “instrumento de coleta”. Ao comparar-se as porcentagens da entrevista semiestruturada e do inquérito fonético, fica evidente que todos os informantes elevaram a taxa de produção da variante palatal. Tal dado corrobora com a discussão que vem sendo realizada nas seções anteriores, inferindo-se, assim, que a entrevista corresponde ao estilo mais informal, enquanto o inquérito é o menos informal. Se a compreensão for feita nesse sentido, percebe-se que a variante palatalizada, como em “[dʒ]inheiro” e “[tʃ]iro”, é mais utilizada proporcionalmente a depender da atenção prestada à fala por todos os informantes (ou seja, é mais recorrente no inquérito fonético).

Ao confrontarem-se as demais hipóteses com os resultados, percebe-se que estes se apresentam de forma bastante heterogênea, impedindo a descrição de padrões do fenômeno. Desse modo, por se tratar de um estudo de recontato com poucos informantes, a interpretação dos dados a partir de tais macrocategorias possui, para esta pesquisa, limitações de análise, uma vez que elas parecem mascarar dados que apenas uma análise qualitativa individual traz à tona. Assim, o comportamento linguístico de cada participante da pesquisa será analisado a partir das informações de sua biografia e dos dados quantitativos, sendo separados em dois

blocos: os informantes que mais palatalizam (MLTS, MJCO e VLF) em todos os instrumentos de coleta e os informantes que menos palatalizam (HBS e MJS) nesses mesmos instrumentos.

O primeiro bloco é composto por três informantes, sendo duas mulheres que haviam feito o ensino fundamental (MLTS e MJCO) e um homem (VLF) que havia feito o ensino superior. O inquérito fonético foi o instrumento que mais teve ocorrência da variante palatal (27,3%, 21,4% e 33,3%, respectivamente), seguido da leitura monitorada (10,8%, 5,6% e 11,1%) e da entrevista (9,4%, 7% e 7,3%). Esse dado se contrapõe à hipótese inicial, pois acreditava-se que no estilo menos monitorado, quanto mais escolarizado fosse o falante, mais recorrente seria a sua taxa de palatalização. Entretanto, há pistas que podem explicar essa ocorrência: as colaboradoras MJCO e MLTS moram em bairros de classe média baixa, mas trabalham, respectivamente, como doméstica e como garçomete em um bar localizado em um bairro nobre da cidade. Não se sabe em que bairro a informante MJCO trabalha, mas supõe-se que, por ser uma profissão que ainda é vista na base de uma hierarquia laboral, tal função a coloque em uma situação de adequação linguística.

Por fim, ainda de acordo com o gráfico 2, é nítido que o comportamento linguístico do colaborador VLF é o que mais destoa dos demais informantes. Percebe-se uma grande produtividade da variante palatal em sua fala, sendo 7,3% na entrevista, 11,1% na leitura e 33,3% no inquérito fonético. O informante está entre os três falantes que mais palatalizaram no instrumento mais informal (entrevista), e é o que mais palataliza nos outros dois instrumentos (leitura e inquérito). Tal comportamento linguístico pode ser fundamentado em dois aspectos: a profissão e a locomoção do falante. Por estar inserido no meio artístico do teatro durante a sua adolescência, o falante teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas de fora do Nordeste. Além disso, ele foi o único informante que viajou por alguns estados do país e passou uma temporada em alguns deles como, por exemplo, o Rio de Janeiro, onde a palatalização é mais recorrente que em João Pessoa (ABAURRE, PAGOTTO, 2002). Abaixo encontra-se um trecho da entrevista que exemplifica uma análise metalinguística da fala do informante VLF:

Entrevistador: O que era que tinha assim que você acha no seu sotaque que eles conseguiam perceber? Você consegue imaginar assim... O que é que você, o que é que tinha no seu sotaque que o pessoal percebia logo que você é daqui da Paraíba?

Informante VLF: Do meu sotaque? Eu acho que era essa maneira de a gente falar meio arrastado mesmo. De falar, né, do “visse” mesmo, “visse”, “oxente”, “menino”, “pronto”... **Tem umas coisas aí que a gente leva ainda, né?** Então assim... E aí como eu morei, por exemplo, no Rio, trabalhava com gente de todo canto do país, né? Então assim, **eu não era carioca, então as pessoas percebiam já que eu tinha o sotaque do nordeste, entendeu? (grifo nosso)**

Conforme o excerto acima, pode-se perceber que o informante tem consciência da distinção de sotaques existente entre pessoenses e cariocas. À época da coleta dos dados do recontato, VLF trabalhava com produção de eventos, o que lhe continuou permitindo o contato com pessoas de outros estados. A mudança linguística (ou, no caso desse informante, a palatalização), diferentemente da palatalização das informantes MJCO e MLTS, parece ser uma mudança para se sentir aceito em uma comunidade de fala (Rio de Janeiro) e de prática (artistas) destoantes da sua, motivada, principalmente, por questões de trabalho. Nesse caso, pode-se considerar que falar é agir conforme as práticas das comunidades de prática de prestígio.

O segundo bloco, por sua vez, é composto pelos informantes que menos produziram a variante palatal. São dois: HBS, homem com ensino superior e MJS, mulher não escolarizada. Dos três informantes da faixa 26-49, apenas um deles, HBS, apresenta uma pequena taxa de palatalização (2,8% na entrevista e 7,1% no inquérito fonético), diferentemente dos colaboradores MLTS e VLF, que apresentaram grande taxa. Isso pode ser explicado a partir das seguintes informações: o falante HBS mora em um bairro nobre e, por ser professor universitário, tem bastante contato com pessoas que estão inseridas no meio acadêmico. Subtende-se que o informante não precisa fazer grandes adequações em sua fala para se inserir nas comunidades de prática em que transita, apenas em situações em que o estilo seja mais formal, como mostra o resultado do inquérito. De acordo com as discussões apresentadas, os informantes HBS e MJS são os que parecem ter uma taxa de palatalização mais representativa da comunidade de fala pessoense. Embora tais resultados contribuam com a descrição da palatalização das oclusivas dentais na comunidade pessoense, apenas um estudo de produção sobre uma amostra mais robusta será capaz de ratificar ou não o padrão encontrado por Hora (1995). Analisando individualmente as taxas de ocorrência em cada informante, percebe-se que MJCO, MLTS e VLF apresentam as maiores alterações de produtividade e isso se justifica pelas elucidações supracitadas.

6 Considerações finais

Os resultados obtidos ratificam as hipóteses levantadas em relação ao estilo, mostrando que as duas perspectivas – como atenção prestada à fala (Labov, 1972) e como significado social (Eckert, 2000) – favoreceram a produção da palatalização das oclusivas dentais, sendo sua ocorrência mais frequente no inquérito fonético, seguido da leitura e da entrevista. Portanto, conclui-se que, na comunidade de fala de João Pessoa, o fenômeno objeto de estudo desta pesquisa é um marcador, visto que sua ocorrência é distribuída quanto ao estilo (LABOV, 1972).

Além disso, destaca-se a importância dos estudos de recontato, uma vez que, por contar com amostras menores, tal vertente dos estudos sociolinguísticos permite aos pesquisadores um aprofundamento nas análises qualitativas que, por sua vez, podem ou não corroborar com os resultados quantitativos atingidos. Assim, fica evidente que analisar dados de fala a partir de macrocategorias pode mascarar resultados que poderiam ser explicados de uma maneira mais eficiente a partir de uma análise qualitativa individual. Nesse sentido, os estudos de recontato permitem aos linguistas observar se uma mudança linguística está em curso.

Do ponto de vista macro, a pesquisa colabora para as críticas quanto sexo, gênero, faixa etária, etc., como também já foram exploradas por Eckert e cia. Do ponto de vista micro, esses resultados contribuem para a descrição do PB falado em João Pessoa – PB, uma vez que é o primeiro trabalho que analisa o estilo na perspectiva de produção. Este estudo, portanto, faz parte de uma série de trabalhos que vêm sendo conduzidos sobre a palatalização das oclusivas dentais em João Pessoa e contribui para a compreensão sobre a variação e a mudança linguística do fenômeno variável da palatalização das oclusivas dentais na comunidade de fala mencionada.

Referências

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. A palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: **Gramática do português falado VII: novos estudos descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602.

ALMEIDA, Marco Antônio B. de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha**: uma análise quantitativa. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lingüística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.

ANDRADE, E. J. B. de. **Assimilação como gatilho para a palatalização das oclusivas dentais /t,d/**. João Pessoa: UFPB, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

BATTISTI, Elisa; ROSA, Renan Silveiro. *Variação e mudança linguística*: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. Sociodialeto, Campo Grande, v. 2, n. 2, 2012.

_____.; DORNELLES FILHO, A. A. **Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira**. Revista Da Abralin, v.14, n.1, 2015.

_____. **Mudança fônica em progresso no português de contato**: palatalização de /t/ e /d/ e vocalização de /l/ numa comunidade ítalo-brasileira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 13, p. 218-244, 2016.

_____. et al. **Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes**. Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL , v.5, n.9, ago. 2007. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 01 out. 2017.

_____. et al. **Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes**. Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL, v.5, n.9, ago. 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf.

Acesso em: 05 abr. 2019.

BISOL, L. **A palatalização e sua restrição variável**. Estudos, Salvador, n. 5, p. 163-177, 1986.

_____. *Palatalization and its variable restriction*. International Journal of Sociology of Language, n. 89, p.107-124, 1991.

DUTRA, E. de O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ECKERT, P. **Language variation as social practice**: The linguistic construction of identity in Belten High. Wiley-Blackwell, 2000.

_____.; RICKFORD, J. R. (Ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge University Press, 2001.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN – Linguistic Annotator**. Versão 4.4.0. Disponível em: <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>. Acessado em: 10 abr. 2019.

HENRIQUE, P. F. de L.; HORA, D. da. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, 24, 2012, Natal, RN. Anais (on-line).

HORA, D. **Palatalização das oclusivas dentais**: variação e representação não linear. Tese de Doutorado, PUC-RS, 1990.

_____. **A palatalização das oclusivas dentais**: contextos linguísticos favorecedores. Euc. e Comp. Teresina, v.3, n1 /2, p. 33-46, jan.-dez. 1991.

_____. Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), 1993.

_____. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais**. Garphos, v. 2, n. 1, p. 116-125, 1997

_____. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**: Fase III, 2013.

KAMIANECKY, F. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis**: uma análise quantitativa. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Vol. 1. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- MATTÉ, G. D. **A palatalização variável de / t d / em Caxias do Sul (RS)**. Livro de Resumos / X XI Salão de Iniciação Científica, XVIII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, IV Salão UFRGS Jovem. CD ROM. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- PAGOTTO, E. G. **Variação e identidade**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2001.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança linguística: observações no tempo real**. In: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIRES, Lisiane Buchholz. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ em São Borja, RS**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019.
- RSTUDIO TEAM. **RStudio: Integrated Development Environment for R**. Boston, MA, 2018. URL: <<http://www.rstudio.com/>>.
- SANTOS, L. de F. **Realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na fala de Maceió**. Alagoas: UFAL, 1996.
- SASSI, Maria Pía Mendonza. **A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar**. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas. 1997
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em 20/07/2019

Aceito em 02/09/2019